

**A SEMANA – 185\***

15 de dezembro de 1895

Temo errar, mas creio que Lopes Neto,<sup>1</sup> foi o primeiro brasileiro que se deixou queimar, por testamento, com todas as formalidades do estilo. As suas cinzas, no discurso dos oradores, foram verdadeiramente cinzas. Agora repousam no lugar indicado pelo testador, e é mais um exemplo que dá a sociedade italiana da incineração aos homens que vão morrer. Estou certo, porém, que o sentimento produzido nos patrícios de Lopes Neto foi menos de admiração que de horror. Toda gente que conheço repele a ideia de ser queimada. Ninguém abre mão de ir para baixo da terra integralmente, deixando aos amigos póstumos do homem o ofício de lhe comerem os últimos bocados.<sup>2</sup>

São gostos, são costumes. De mim confesso que tal é o medo que tenho de ser enterrado vivo, e morrer lá embaixo, que não recusaria ser queimado cá em cima. Poeticamente, a incineração é mais bela. Vede os funerais de Heitor. Os troianos gastam nove dias em carregar e amontoar as achas necessárias para uma imensa fogueira. Quando a Aurora, sempre com aqueles seus dedos cor-de-rosa, abre as portas ao décimo dia, o cadáver é posto no alto da fogueira, e esta arde um dia todo. Na manhã seguinte, apagadas as brasas, com vinho, os lacrimosos irmãos e amigos do magnânimo Heitor coligem os ossos do herói e os encerram na urna, que metem na cova, sobre a qual

---

\* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXI, n. 350, p. 1, 15 dez. 1895), SEMMA (p. 279-283) e SEM1953 (v. 3, p. 59-64). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

<sup>1</sup> Lopes Neto,] Lopes Neto – em SEM1953. Felipe Lopes Neto (1814-1895): político e diplomata brasileiro; nasceu em Recife, iniciou estudos superiores na Faculdade de Direito de Olinda, e concluiu-os na Universidade de Pisa, na Itália, país em que faleceu em 8 de novembro de 1895. Participou ativamente da Revolução Praieira, em 1848, sendo preso após o encerramento da revolta. Depois de anistiado, tornou-se deputado geral pela província de Sergipe, em 1864. A morte desta figura histórica é o objeto desta crônica: o ponto de partida é a escolha registrada em testamento por Lopes Neto com relação a seu funeral – a cremação. Machado de Assis dedica grande parte da crônica a essa prática tão cara às civilizações antigas. (Cf. SATIN, 2013, p. 95-103)

<sup>2</sup> A passagem – “deixando aos amigos póstumos do homem o ofício de lhe comerem os últimos bocados” – lembra a irônica dedicatória das *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881) – “AO VERME QUE PRIMEIRO ROEU AS FRIAS CARNES DO MEU CADÁVER DEDICO COMO SAUDOSA LEMBRANÇA ESTAS MEMÓRIAS PÓSTUMAS”. (ASSIS, 2008, p. 624) Há nisso, também, reminiscência de Shakespeare (*Hamlet*, ato IV, cena 3).

erigem um túmulo. Daí vão para o esplêndido banquete dos funerais no palácio do rei Príamo.<sup>3</sup>

Bem sei que nem todas as incinerações podem ter esta feição épica; raras acabarão um livro de Homero,<sup>4</sup> e a vulgaridade dará à cremação, como se lhe chama, um ar chocho e administrativo. O Sr. conde de Herzberg<sup>5</sup> há de morrer um dia (que seja tarde!) e será inumado, quando menos para ser coerente. Outros condes virão, e se a prática do fogo houver já vencido, poderão celebrar contrato com a Santa Casa para queimar os cadáveres nos seus próprios estabelecimentos. Então é que havemos deabençoar a memória do atual conde! Naturalmente haverá duas espécies de classes, a presente (coches, cavalos, etc.) e a da própria incineração, que se distinguirá pelo esplendor, mediania ou miséria dos fornos, vestuário dos incineradores, qualidade da madeira. Haverá o forno comum substituindo a vala comum dos cemitérios.

Se isto que vou dizendo parecer demasiado lúgubre, a culpa não é minha, mas daquele distinto brasileiro, que morreu duas vezes, a primeira surdamente, a segunda com o estrondo que acabais de ouvir. Confesso que a morte de Lopes Neto veio lembrar-me que ele não havia morrido. Os octogenários de cá, ou trabalham como Otoni,<sup>6</sup> no senado, ou descansam das suas grandes fadigas militares, como Tamandaré, que ainda ontem fez anos.<sup>7</sup> Há dias vi Sinimbu,<sup>8</sup> ereto como nos fortes dias da

<sup>3</sup> Príamo.] Priam. – em GN. Neste parágrafo, Machado de Assis descreve os funerais de Heitor, episódio que vem no canto final (XXIV) da *Ilíada*. Os versos homéricos a que Machado de Assis se refere são os seguintes: “Agora, ó Troianos, trazei lenha para a cidade; não receeis / no coração qualquer robusta cilada dos Argivos. Pois Aquiles / ao mandar-me embora das naus escuras me prometeu / que ninguém nos faria mal, até chegar a décima segunda aurora.” / Assim falou; e eles atrelaram sob as carroças bois e mulas, / e em seguida foram depressa recolher lenha à frente da cidade. / Durante nove dias trouxeram quantidades incontáveis de lenha. / Mas quando surgiu a décima aurora para dar luz aos mortais, / foi então que, chorando, trouxeram para fora o audaz Heitor; / e no cimo da pira colocaram o cadáver e lançaram-lhe o fogo. / Quando surgiu a que cedo desponta, a Aurora de róseos dedos, / foi então que o povo se reuniu em torno da pira do famoso Heitor. / Quando estavam já reunidos, todos em conjunto, / primeiro apagaram a pira fúnebre com vinho frisante, / tanto quanto sobre ela sobreviera a força do fogo; mas depois / os irmãos e os companheiros recolheram os brancos ossos, / carpindo, e abundantes lhes escorreram nas faces as lágrimas. / Colocaram os ossos numa arca dourada, / pondo por cima finas mantas de púrpura. / Depuseram-na depressa numa sepultura e por cima / amontoaram grandes pedras, bem cerradas. / Depressa ergueram o túmulo, com sentinelas por toda a parte, / não fossem antes do tempo atacar os Aqueus de belas cnêmides. / Após terem erguido o túmulo, voltaram; e em seguida, / reunidos festejaram segundo o rito com um banquete / no palácio de Príamo, rei criado por Zeus.” [HOMERO. *Ilíada*, XXIV, v. 788-803 (2013, p. 679-680)]

<sup>4</sup> “raras acabarão um livro de Homero”: o episódio dos funerais de Heitor encerra o canto final (XXIV) da *Ilíada*.

<sup>5</sup> Segundo John Gledson (*Machadiana Eletrônica*, 2021, v. 4, n. 8, p. 157, nota 4), o conde de Herzberg foi um dos fundadores do Jóquei Clube, que ainda hoje tem um prêmio com seu nome. Foi administrador da Empresa Funerária (que cuidava também de alguns hospícios) no Rio de Janeiro.

<sup>6</sup> Cristiano Benedito Otoni (1811-1896): militar, e político brasileiro.

<sup>7</sup> Joaquim Marques Lisboa, marquês de Tamandaré (1807-1897): militar e comandante-em-chefe das forças navais, na Guerra do Paraguai. A crer no “ainda ontem fez anos”, esta crônica foi escrita no dia 14, uma vez que Tamandaré nasceu em 13 dez. 1807.

<sup>8</sup> João Lins Vieira Cansanção de Sinimbu (1810-1906): político brasileiro. Em 1878, foi presidente do conselho ministerial.

maturidade. Vi também o mais estupendo de todos, Barbacena,<sup>9</sup> jovem<sup>10</sup> nonagenário, que espera firme o princípio do século próximo, a fim de o comparar ao deste, e verificar se traz mais ou menos esperanças que as que ele viu em menino. Posso adivinhar que há de trazer as mesmas. Os séculos são como os anos que os compõem.

Lopes Neto foi meter-se na Itália, para que esquecessem os seus provados talentos e os serviços que prestou ao Brasil. Não faltam ali cidades nem vilas onde um homem possa dormir as últimas noites, ou andar os últimos dias entre um quadro eterno e uma eterna ruína. A língua que ali se ouve imagino que repercutirá na alma estrangeira como as estrofes dos poetas da terra. Por mais que o velho Crispi<sup>11</sup> e o seu inimigo Cavallotti<sup>12</sup> estraguem o próprio idioma com os barbarismos que o parlamento impõe,<sup>13</sup> um homem de boa vontade pode ouvi-los, com o pensamento nos tercetos de Dante, e se os repetir consigo, acaba crendo que os ouviu do próprio poeta. Tudo é sugestivo neste mundo.

Suponho que o nosso finado patricio não ouviria exclusivamente os poetas. A política deixa tal unhada no espírito, que é difícil esquecer-la de todo, mormente aqueles a quem lhes nasceram os dentes nela. Se tem vivido um pouco mais, leria os telegramas que levaram esta semana a toda Itália, como ao resto do mundo, a notícia do desastre de Eritreia.<sup>14</sup> Talvez a idade ainda lhe consentisse irritar-se como os patriotas italianos, e

<sup>9</sup> Felisberto Caldeira Brant Pontes (1802-1906), segundo visconde de Barbacena, era político.

<sup>10</sup> jovem] porém – em GN. Aurélio Buarque de Holanda (1953, v. 3, p. 61) considerou tratar-se de “evidente erro de revisão”. Como na crônica há uma oposição entre os octogenários e o nonagenário, o uso do “porém” poderia ser justificado. Não entendemos, como Aurélio, que se trata de erro de revisão. Adotamos, apesar disso, a lição de Aurélio (que já vinha em Mário de Alencar), porque em “A Semana – 226”, crônica de 27 de setembro de 1896, Machado se vale da expressão “verdor nonagenário do visconde de Barbacena” para se referir a esse personagem – o que nos convenceu da correção feita por Mário de Alencar.

<sup>11</sup> “Francesco Crispi (1818-1901), homem forte da política italiana, estava no poder pela segunda vez, tendo derrotado seu rival Giolitti em dezembro de 1893. Tinha sido alvo de uma tentativa de assassinato em junho de 1894.” (*Machadiana Eletrônica*, 2018, v. 1, n. 2, p. 308, nota 10) Crispi ficou no cargo de primeiro-ministro até 1896.

<sup>12</sup> Felice Cavallotti (1842-1898) foi jornalista, dramaturgo e político italiano – defensor de reformas democráticas, e opositor de Francesco Crispi.

<sup>13</sup> Machado de Assis critica a linguagem utilizada no parlamento – “barbarismos que o parlamento impõe”. Em “O velho Senado” (1898) – texto em que descreve suas memórias do senado de 1860 –, há discreta referência a barbarismos linguísticos de parlamentares. O memorialista menciona o hábito de um certo senador (Ribeiro) pelo Rio Grande do Sul, que “tinha junto a si, no tapete, encostado ao pé da cadeira, um exemplar do dicionário de Moraes. Era comum vê-lo consultar um e outro tomo, no correr de um debate, quando ouvia algum vocábulo, que lhe parecia de incerta origem ou duvidosa aceitação.” (ASSIS, 2017, p. 61)

<sup>14</sup> O “desastre de Eritreia” são os episódios da semana (8-15 dez. 1895): a “Primeira Guerra Ítalo-Etíope” (1895-1896) foi vencida pelo país africano. Trata-se de um dos poucos casos de resistência armada ao colonialismo europeu no século XIX. Jornais brasileiros publicavam com frequência telegramas de Roma sobre a Guerra: “De todas as cidades da Itália recebem-se telegramas, mencionando a impressão causada em todo o reino pelas notícias da Eritreia, as quais, em geral, foram recebidas com calma. / A população italiana considera o revés de Ambalagi [Amba alagi, montanha ao norte da Eritreia] como um incidente inerente a toda empresa colonial. Confia muito nos talentos militares do general Baratieri e no valor das tropas italianas, para recuperar as vantagens perdidas no último embate.” (*Gazeta de Notícias*, ano XXI, n. 346, p. 1, 12 dez. 1895) Os italianos julgavam o exército etíope inferior – em termos de disciplina e equipamentos militares – e acreditavam poder vencê-lo facilmente, o que não ocorreu.

clamar com eles pela necessidade da desforra. Sentiria igualmente a dor das mães e esposas que correram às secretarias para saber da sorte dos filhos e maridos. Execraria naturalmente aquele *negus*<sup>15</sup> e todos os seus *rases*,<sup>16</sup> que dispõem de tantos e inesperados recursos. Mas, pondo de lado a grandeza da dor e o brio dos vencidos, se Lopes Neto tivesse a fortuna de haver esquecido a política e as suas duras necessidades, acharia sempre algum retábulo velho, algum trecho de mármore, alguma cantiga de rua, com que passar as manhãs de<sup>17</sup> azul e sol.

Uma das máximas que escaparam a mestre Calino é que nem tudo é guerra, nem tudo é paz, e as coisas valem segundo o estado da alma de cada um. O estilo é que não traria esses colarinhos altos e gomados, mas caídos à marinheira. Calino tinha a virtude de falar claro, a sua tolice era transparente.<sup>18</sup> O que eu quero dizer pela linguagem deste grande descobridor de mel-de-pau<sup>19</sup> é que nem toda a Itália é Cipião;<sup>20</sup> alguma parte há de ser Rafael<sup>21</sup> e outros defuntos.

Lá ficou entre esses, incinerado como tantos antigos, o homem que deu princípio a esta crônica, e já agora lhe dará fim. O céu italiano lhe terá feito lembrar o brasileiro, e quero crer que a sua<sup>22</sup> última palavra foi proferida na nossa língua; mas, como a confusão das línguas veio do orgulho humano, é certo que o céu, que é só um, entende-as todas, como antes de Babel,<sup>23</sup> e tanto faz uma como outra, para merecer bem. A última ou penúltima vez que vi Lopes Neto estava com um jovem de quinze anos, filho de Solano

<sup>15</sup> *negus*] *negus* – em SEM1953.

<sup>16</sup> *rases*,] *rases*, – em SEM1953. O termo “*negus*” é um título do soberano da antiga Abissínia (atual Etiópia e Eritreia); “*ras*”, por sua vez, designa “chefe político etíope”. (Cf. HOUAISS, A.; VILLAR, M. S., 2001, p. 2006 e p. 2386)

<sup>17</sup> de] do – em GN e em SEMMA. Acatamos a correção de Aurélio.

<sup>18</sup> Calino: “indivíduo muito ingênuo, que diz ou faz tolices por falta de esperteza ou de bom senso”; nome de um negociante de quadros parisiense que, no século XIX, desempenhou, em espetáculos, papéis de bobo. (Cf. HOUAISS, A.; VILLAR, M. S., 2001, p. 576)

<sup>19</sup> descobrir mel-de-pau: “deparar facilmente o que se deseja”. (NASCENTES, 1966, p. 182)

<sup>20</sup> Cipião Africano (236-183 a.C.): militar e estadista romano, que derrotou Aníbal na batalha de Zema.

<sup>21</sup> É provável que a referência seja a Rafael Sânzio (1483-1520), que pintou o quadro *Visão de um cavaleiro* (1504), obra considerada uma alegoria do “Sonho de Cipião” – fragmento de *A República*, de Cícero. O “Sonho de Cipião” descreve um sonho que Cipião Emiliano teria tido por ocasião de uma visita a Massinissa, rei da Numídia. Após conversas com o rei, em que recordaram feitos e virtudes de Cipião Africano (avô de Emiliano), retira-se para seus aposentos e dorme. Em sonhos, aparece-lhe primeiro Cipião Africano, anunciando para o neto uma vida cheia de dificuldades na família e na carreira política, e incitando-o a manter a coragem e a perseverança, que lhe assegurariam como prêmio glória e honra eternas. Em seguida, aparece-lhe o pai, Lúcio Emílio Paulo Macedônico, que lhe fala da insignificância das glórias humanas, que seriam fugazes e vãs, e o estimula a preferir valores mais altos e eternos a glórias humanas. (Cf. REIS, 2008, p. 15-16) O cronista, na oposição entre Cipião e Rafael, consolida a imagem dos contrários: a guerra, a vida concreta (“a política e as suas duras necessidades”) e a arte, a vida espiritual (“algum retábulo velho, algum trecho de mármore, alguma cantiga de rua”).

<sup>22</sup> Em GN, o trecho “lembrar o brasileiro, e quero crer que a sua” é parcialmente ilegível. Consultamos e adotamos as lições de SEM1953.

<sup>23</sup> O relato referente à “Torre de Babel” está em Gn 11,1-9. (Cf. BÍBLIA, 2003, p. 48)

Lopes,<sup>24</sup> que apresentava a algumas pessoas, na rua do Ouvidor. O moço sorria sem convicção; eu pensava nas vicissitudes humanas. Se o pai não tivesse feito a guerra, haveria morrido em Assunção, e talvez ainda estivesse vivo. O filho seria o seu natural sucessor, e o atual presidente do Paraguai não estaria no poder. Ó fortuna! ó loteria! ó bichos!



### Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEMMA – *A Semana*, edição Mário de Alencar, 1922.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

### Referências

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXI, n. 350, p. 1, 15 dez. 1895. Disponível em:  
<[http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730\\_03&pagfis=13235](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=13235)>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Edição coligida por Mário de Alencar. Rio de Janeiro: Garnier, 1922.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecilio, Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. O velho Senado. *Almanaque de Ciência Política*, Vitória, v. 1, n. 1, p. 54-63, 2017. Edição e notas ao texto para esta publicação: José Américo Miranda e Alex Sander Luiz Campos.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, jul.-dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/867>>.

---

<sup>24</sup> Francisco Solano López (1827-1870) foi presidente do Paraguai; estava no poder durante a Guerra do Paraguai.

ASSIS, Machado de. A Semana. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 8, jul.-dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/993>>.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2003.

HOMERO. *Ilíada*. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

NASCENTES, Antenor. *Tesouro da fraseologia brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1966.

REIS, Flávio Antônio Fernandes. *O ‘Sonho de Scipião em linguagem portuguesa’: acerca da recepção de tratados morais de Cícero no Portugal quinhentista*. 2008. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8150/tde-03122008-155922/pt-br.php>>.

SATIN, Ionara. *As musas clássicas ao rés-do-chão: as epopeias de Homero e Virgílio em “A Semana” de Machado de Assis (1892 a 1897)*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2013.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.